

Agenda 21 e a formação continuada dos professores: momentos de vivências para apreender e socializar ações socioambientais

Agenda 21 and the ongoing training of teachers: moments of experience to learn and socialize environmental actions

Francesca Werner Ferreira^{1,3}; Sandra Wirzbicki^{2,3} e Daniel Rubens Cenci^{2,3}. 1. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. 2. Universidade federal da Fronteira Sul 3. Associação Ijuense de Proteção ao Ambiente Natural-AIPAN, (Brasil).

Resumo

O debate sobre o meio ambiente é dos mais candentes no mundo atual, em decorrência dos eventos ambientais que afetam a vida dos cidadãos. Os conflitos socioambientais constituem o desafio de compreendê-los e enfrenta-los com ações claras e abrangentes sendo essas “preocupações” são pouco articuladas aos conteúdos escolares. A Agenda 21 propõe a transformação do conceito de desenvolvimento sustentável em ações concretas mediante propósitos metodológicos, para diferentes níveis de governos. Em Ijuí, RS a Agenda 21 local, iniciou em 2007 com o desafio de integrar iniciativas de diversas entidades e da comunidade em geral. Para melhor interação entre o coletivo das escolas propôs-se um Ciclo de Formação Continuada em Educação Ambiental e Agenda 21, que ocorreu ao longo de 2014, com a participação de professores da educação básica do município, para retomar e desenvolver um conjunto de ações de educação socioambiental, como instrumento de formação humanista, responsabilidade e sustentabilidade ambiental. Este trabalho relata este processotendo como referencial teórico e metodológico a Agenda 21 nacional e local, em sintonia com as políticas ambientais das diferentes esferas de governo. As oficinas trabalhadas foram: “Vivências com a Natureza”, Passo a Passo da Agenda 21, Educomunicação, Nivelamento e aprofundamento conceitual, “Pequena ONU”, Carta da Terra e Agenda 21 Escolar. Essas atividades proporcionaram aos professores a compreensão de que a prática pedagógica é humana e, por esta razão, faz sentido privilegiar uma dimensão humanizadora, possibilita a construção de uma educação com relevância socioambiental, de forma coletiva. Nesse sentido, a Educação Ambiental reflete dois significados: a (re)construção do sentido de humanização como processo coletivo e interdependente e a (re)educação para um novo momento da humanidade na sua relação com a natureza.

Astract

The debate on the environment is one of the hottest in the world nowadays, in result of the environmental events that affect the lives of citizens. The environmental conflicts constitute the challenge of understand and confront them with clear and embracing actions, in which those “concerns” are poorly articulated in school subjects. The Agenda 21 proposes the transformation of the sustainable development concept into concrete actions through methodological reasons to different levels of governments. In Ijuí, RS the local Agenda 21, initiated in 2007 with the challenge of integrating the initiatives of various entities and the community in general. For a better interaction between the collective of schools it was proposed a Training Cycle of Continuing Environmental

Education and Agenda 21, which happened throughout 2014, with the participation of teachers from the county's schools of basic education to develop a set of actions of environmental education as a way of humanistic education, responsibility and environmental sustainability. This paper reports this process having as theoretical and methodological references the national and local Agenda 21, in line with the environmental policies of different spheres of the government. The workshops used were: "Vivências com a Natureza", Passo a Passo of Agenda 21, Educommunication, Leveling and conceptual deepening, "Pequena ONU", Carta da Terra and the scholar Agenda 21. These activities have provided the teachers to understand that the teaching practice is human and, therefore, it makes sense to be in favor of a humanizing dimension, enables the construction of an education with social and environmental relevance, in a collective way. In that sense, Environmental education reflects two meanings: the (re)construction of humanization as a collective and interdependent process and the (re)education to a new moment of humanity in its relationship with the nature.

Palavras chave

Educação Ambiental, Agenda 21

Key-words

Environmental education, Agenda21

Início da caminhada

O debate sobre o meio ambiente é dos mais candentes no mundo atual, em decorrência dos eventos ambientais, naturais ou não, que afetam a vida dos cidadãos. Os conflitos socioambientais do dia-a-dia constituem o desafio de compreender e enfrentar com ações claras e abrangentes, promovendo a mudança de conduta em relação ao ambiente. Tal mudança somente se efetivará através de um processo educativo, baseado no desenvolvimento de conhecimentos que permitam visualizar que outras formas de relação homem-natureza são possíveis, na destinação de resíduos, no uso dos recursos hídricos, no uso do solo, no trato das matas, florestas e campos, áreas de preservação, promovendo melhores condições de vida e sustentabilidade.

A Agenda 21 é um documento de validade internacional, nacional e local, que propõe a transformação dos conceitos de desenvolvimento sustentável em ações concretas mediante propósitos metodológicos, para diferentes níveis de governos. Em Ijuí, o processo de construção da Agenda 21 local, iniciou em 2007-2008, com o desafio de articular as iniciativas próprias, das entidades proponentes (Associação Ijuicense de proteção ao Ambiente Natural-AIPAN, 36ª Coordenadoria Regional de Educação-CRE, Secretaria Municipal de Educação de Ijuí-SMEd, Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul- UNIJUI, Ordem dos Advogados do Brasil-OAB e Ministério Público Estadual) e da comunidade. Uma das primeiras atividades, coordenada pela CRE foi a construção da Agenda 21 Escolar, que se agregou aos outros processos já em andamento, envolvendo as escolas municipais

e outras entidades sob a coordenação da AIPAN.

O processo de construção local observou/observa os passos metodológicos propostos pela Agenda 21. Sendo assim, adotou-se os passos do documento oficial da Agenda 21 brasileira, que são: Passo 1. Mobilização e sensibilização; Passo 2. Criação do Fórum Local da Agenda 21; Passo 3. Realização de um Diagnóstico Participativo; Passo 4. Análise do diagnóstico e estruturação do Plano de desenvolvimento sustentável; Passo 5. Processo de avaliação e reestruturação.

Em 2012, a coordenação do Fórum da Agenda 21 local, composta pela representação da UNIJUI e SMEd, propôs o projeto *“Ciclo de Formação Continuada em Educação Ambiental e Agenda 21”* ao Conselho Municipal de Meio Ambiente de Ijuí - CONSEMA, com a finalidade retomar e desenvolver um conjunto de ações de educação socioambiental participativa no Município, como instrumentos de formação humanista, responsabilidade e sustentabilidade ambiental, para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, voltadas à mudança de atitudes, gerando compromissos com a construção de valores sociais que contribuam para a edificação de sociedades sustentáveis.

A primeira etapa desse processo, atuou junto aos integrantes do Fórum local da Agenda 21 de Ijuí e representações das es-

colas do município, para que posteriormente estes trabalhassem junto ao coletivo dos professores e estudantes das redes públicas e privadas e ao público externo, para que pudessem promover mudanças e impactos no comportamento dos cidadãos.

Como estratégias de trabalho foram desenvolvidas atividades de formação e capacitação, tendo como referencial teórico e metodológico a Agenda 21 nacional e local, estabelecendo uma sintonia com as políticas ambientais das diferentes esferas de governo.

Os materiais de apoio foram produzidos e compilados por uma equipe de trabalho composta por integrantes da UNIJUI e da AIPAN. Esses materiais são produtos do entendimento da Educação Ambiental que forma, emancipa e promove atitudes de cooperação. Os textos referentes às oficinas foram trabalhadas ao longo de 2014, bem como outros materiais (filmes, jogos, manuais, materiais de divulgação dentre outros). A ideia inicial é que cada escola ou entidade pudesse utilizá-los como apoio para uma Educação Ambiental processual, interventora e embaixadora de processos educacionais, formais ou não.

O material construído e trabalhado não foi um material fechado, considerando a própria concepção de Agenda 21 que a coloca como um processo em construção, por isso é um conteúdo que foi acrescido de novos materiais, de acordo com as dinâmicas das temáticas trabalhadas e do retorno da apli-

cação nos diferentes espaços educadores. A ideia é que o projeto pudesse fazer parte dos Planos Políticos Pedagógicos (PPPs) das escolas e que contribuisse para efetivação de ações socioambientais nas diferentes entidades que compõe o fórum local.

Foram trabalhadas atividades na forma de oficinas ao longo de 2014, como cerca de 40 professores, das escolas de educação básica do município, dentre escolas públicas e privadas. A seguir colocam-se os objetivos gerais de cada oficina trabalhada:

- a. Oficina de *“Vivências com a Natureza”*: sensibilizar as pessoas e despertar uma consciência crítica das inter-relações sociedade e a natureza; promover a integração homem e natureza, por meio de uma experiência concreta; integrar atividades educativas, terapêuticas e conservacionistas, bem como desenvolver metodologias em Percepção e Educação Ambiental, a partir de Trilhas Interpretativas e *“Perceptivas”*.
- b. Oficina de Sensibilização *“Passo a Passo da Agenda 21”*: promover a sensibilização e reflexão crítica sobre a realidade socioambiental. Sensibilizar para a mobilização
- c. Oficina de *Educomunicação*, capacitar para produção de mídias de forma coletiva para sensibilização e divulgação do trabalho sociambiental.
- d. Oficina de *nivelamento e aprofundamento conceitual*: de conhecimentos, metodologias e estratégias da imple-

mentação do projeto EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AGENDA 21 EM IJUÍ.

- e. Oficina *“Pequena ONU”*: discutir questões de ética e sustentabilidade num mundo desigual; desenvolver e adaptar metodologias para realidades locais (ao nível de bacias hidrográficas, municípios, bairros).
- f. Oficina da *“Carta da Terra”*: *“inspirar todos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação; examinar valores e escolher caminhos.”*
- g. Oficina *“Agenda 21 Escolar: a metodologia do COM-VIDA!”*: estudar e praticar as ferramentas pedagógicas para construir uma Agenda; 21 escolar nas escolas de Ijuí; desenvolver e acompanhar a Educação Ambiental nas escolas de forma permanente; contribuir para tornar as escolas espaços agradáveis, democráticos e saudáveis; debater e definir outros objetivos e responsabilidades das agendas 21 escolares do município.

As metodologias trabalhadas

Vivências com a Natureza

A utilização de técnicas lúdicas reconhecidamente eficientes no sentido de sensi-

bilização das pessoas para questões de meio-ambiente é uma vertente forte da educação ambiental.

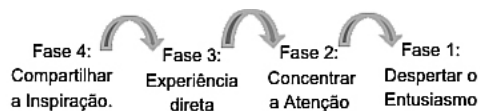
A metodologia de “Vivências com a Natureza” foi criada pelo professor norte-americano Joseph Cornell que, trabalhando educação ambiental com crianças, observou que as mesmas tinham dificuldade de concentração e atenção nas atividades desenvolvidas. A partir desta observação, passou a pesquisar e desenvolver uma metodologia “aprendizado sequencial” ou “*flow learning*”, ou ainda, “Vivências com a Natureza” (CORNELL, 2008).

Trata-se de jogos e brincadeiras lúdicas de interação com a natureza. Porém, o que ocorre, na verdade, por trás da diversão e deleite com ela, é uma visão de mundo profundamente preocupada com o desenvolvimento das potencialidades humanas, fortemente interessada em estabelecer relação e proximidade com o mais humano e divino de cada um de nós.

A vivência com a natureza oferece ao participante a oportunidade de vivenciar o método de percepção consciente com a natureza–APRENDIZAGEM SEQUENCIAL. Este método auxilia educadores ambientais a harmonizar o nível de entusiasmo de um grupo levando-o ao contato alegre e cheio de energia com o mundo natural.

O Aprendizado Sequencial pode ser utilizado nas mais variadas situações, com

grupos variados, de diferentes culturas e idade. Está dividido em quatro fases que fluem de uma para a outra de modo natural e suave:



Fase 1: Sem entusiasmo você não é capaz de ter uma experiência significativa com a Natureza. Esse entusiasmo parte de um interesse crescente, intenso, calmo, sutil e alerta. Sem este tipo de entusiasmo aprendemos muito pouco.

Fase 2: A aprendizagem depende de ATENÇÃO concentrada porque se nossos pensamentos estão dispersos, não conseguimos ficar atentos para perceber a Natureza ou qualquer outra coisa. Portanto, é preciso conduzir o entusiasmo para a concentração tranquila.

Fase 3: A medida que vamos concentrando nossa atenção, nos tornamos mais conscientes do que estamos vendo, ouvindo, cheirando e recebendo através de nossa intuição. Com atenção calma, somos capazes de nos sintonizar mais sutilmente ao ritmo e fluxo da Natureza que nos cerca. Concentrar a atenção cria uma tranquilidade interior e abertura para vivenciar a Natureza diretamente, sem interferência dos mecanismos mentais.

Fase 4: Vivenciar possibilita ter uma profunda percepção da Natureza que

nossa mente inquieta não nos permite percebê-la com mais frequência. O educador pode ajudar o grupo contando histórias sobre a Natureza ou de grandes naturalistas e conservacionistas, como Raquel Carlson, José Lutzenberg e outros. Nesta fase Compartilhar a INSPIRAÇÃO é muito importante porque ao compartilhar fortalecemos e trazemos a luz a nossa própria experiência.

Existem algumas orientações básicas que podem ajudar ao educador proporcionar ao grupo de alunos esses momentos, bem como atitudes de respeito pelos participantes e reverência pela natureza.

As atividades devem ser preferencialmente realizadas em espaços ao ar livre, havendo a necessidade de pouca materiais, como cordas, papel, lápis de cor e/ou pincel atômico e dependendo do número de participantes, é importante algumas pessoas (monitores) para auxiliar. Também é importante seguir cinco “regras” básicas da educação ao ar livre:

- *Ensinar menos e compartilhar mais.* Além de descrever ao grupo os fatos da natureza pode-se contar como nos sentimos quando estamos diante de uma árvore. Falar da admiração e respeito por ela ao constatar como resiste as intempéries do tempo (secas, ventos, chuvas fortes, etc...). Despertar a curiosidade para que descubram como

as raízes conseguem encontrar nutrientes para suprir suas necessidades de um solo às vezes não fértil. Ao expor ideias e sentimentos, incentiva-se o grupo a explorar respeitosamente seus próprios sentimentos e percepções, surgindo assim amizade e confiança mútua com o grupo.

- *Ser Receptivo.* Receptividade significa ouvir, estar atento. O ambiente ao ar livre provoca entusiasmo espontâneo no grupo e, com habilidade pode-se direcioná-lo para aprendizagem.

Ser sensível: cada pergunta, cada comentário, cada exclamação é uma oportunidade para a comunicação. Corresponder à expressão de sentimentos e estado de humor do grupo ajuda a ampliar o interesse dos participantes a partir da curiosidade que eles demonstram. Ao respeitar a opinião do grupo os momentos passados juntos fluirão com mais facilidade e alegria.

Ficar alerta ao que se passa com a natureza naquele momento. Quase sempre há algo emocionante ou interessante acontecendo. O planejamento dessa “aula” deve ser feito passo a passo se tiver a sintonia e atenção sensível.

- *Concentrar a Atenção do grupo.* Deve-se estabelecer o estilo de passeio desde o início; envolver cada um do grupo o mais que puder, formulando perguntas, indicando aspectos e sons interessantes. Geralmente, alguns participantes não estão acostumados a

observar a natureza tão de perto, portanto é importante descobrir algo que lhes desperte o interesse, que o conduza progressivamente a uma observação mais apurada. Deve-se deixá-los perceber que suas descobertas também são importantes.

- *Observar e Sentir Primeiro; Falar Depois.* Às vezes, o espetáculo produzido pela natureza capta a atenção do grupo, deixando-os encantados. As crianças especialmente poderão ter uma experiência de encantamento ao observar acontecimentos corriqueiros.

Não deve haver a preocupação em não saber o nome de todas as coisas, das plantas e animais. Observar uma árvore, a natureza por meio de perspectivas menos usuais. Apalpar, sentir o cheiro de sua casca, de suas folhas. Sentar silenciosamente em seus galhos, ou debaixo deles, e ficar atento a todas as formas de vida que existe naquele pequeno espaço de natureza.

Todos devem olhar, fazer perguntas, tentar adivinhar, e sobretudo, divertir-se!

A partir disso, os relacionamentos no grupo tendem a se transformar, tão logo este comece a sentir-se em sintonia com a natureza. O educador passará de professor a companheiro de aventuras.

- *Um Clima de Alegria deve Prevalecer Durante a Experiência.* Seja em forma de atividades agitadas e engraçadas ou silenciosas e concentradas. O grupo

está mais pronto para aprender quando há atmosfera de alegria e entusiasmo. Deve-se ter em mente que o próprio entusiasmo é contagiante e essa talvez seja a mais poderosa ferramenta como educador.

A última atividade desenvolvida foi a Auto carta, que é uma ótima maneira de encerrar uma experiência com a natureza de forma que ela se prolongue por vários dias. Pode-se explicar esta atividade assim: *“desfrutamos de profundas experiências com a natureza. Voltaremos as nossas atividades que muito exigem de nós. A intensidade dessas experiências se diluirá em nossa memória. Vamos escrever cartas para nós mesmos, contando tudo aqui-lo que queremos lembrar daqui algumas semanas. Sua carta será completamente confidencial. Nós a enviaremos para vocês em duas semanas”.*

Esta atividade tem duplo efeito: escrever a carta grava a experiência e seus ensinamentos nas mentes dos participantes e receber a carta reforça o seu entusiasmo em continuar seus contatos com o mundo natural. As cartas foram enviadas ao final do ciclo de formação continuada.

Educomunicação

“Todos têm o direito a expressão e a comunicação”. A partir desse pressuposto bási-

co é que se constrói a meta principal da **EDUCOMUNICAÇÃO**, que é a construção da cidadania. A comunicação é duplamente importante para nossas relações com o Meio Ambiente: para conhecer o que está distante de nós e para comunicar aos outros o que está próximo de nós. Segundo BAPTISTA (2011), Educomunicação pode ser definida como um conjunto das ações destinadas a:

1. integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, ou seja, cumprir o que solicita os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular;
2. criar e fortalecer “ecossistemas comunicativos”¹ em espaços educativos e isso significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. Dessa forma, muitas das dinâmicas adotadas apontam para as contradições das formas autoritárias de comunicação;
3. melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas.

A partir das discussões realizadas, assim como o estudo de algumas técnicas de

comunicação, propo-se que cada professor fizesse um blog, e também, foi feito um blog do grupo envolvido com a capacitação, alimentado pelas informações, vídeos e fotos, textos elaborados pelo coletivo dos integrantes da formação.

Passo a passo da Agenda 21

A Oficina de Sensibilização “Passo a Passo da Agenda 21” teve o objetivo de promover a sensibilização e reflexão crítica sobre a realidade socioambiental, assim como sensibilizar para a mobilização.

Para o nível local, o processo de Agenda 21 pode acontecer tanto por iniciativa do poder público quanto da sociedade civil. Na prática, a Agenda 21 Local é um processo de referência de planejamento e precisa estar em sintonia com os demais instrumentos de gestão local, como os Planos Diretores dos municípios, os orçamentos municipais, Planos de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, entre outros, podendo também ser desenvolvida por comunidades, e em diferentes territorialidades, em bairros, áreas protegidas, bacias hidrográficas. E, reforçando ações dos setores relevantes, a Agenda 21 na escola, na empresa, nos biomas brasileiros é uma demanda crescente, na qual a maioria das experiências existentes tem construído propostas de sucesso. A metodologia propõe seis passos,

conhecidos como Passo-à-passa da Agenda 21:

- 1° passo: mobilizar para sensibilizar governo e sociedade;
- 2° passo: criar um fórum da agenda 21 local;
- 3° passo: elaborar um diagnóstico participativo;
- 4° passo: elaborar o plano local de desenvolvimento sustentável, elegendo ações prioritárias;
- 5° passo: implementar o plano local;
- 6° passo: monitorar e avaliar a implementação do plano.

Nesta oficina os participantes foram estimulados a realizarem um exercício de cada passo, em seus espaços escolares, trazendo ao coletivo as realidades de cada escola. Dessa forma foi construído um pequeno diagnóstico participativo bem como a proposição de resolução para alguns problemas apontados.

Aprofundamento Conceitual

Na oficina de nivelamento e aprofundamento conceitual, foram realizadas análises de alguns referenciais que discutem Educação ambiental, desde a Conferência de Estocolmo de 1972, que trouxe dois importantes marcos para o desenvolvimento de uma política mundial de proteção ambiental, que foram: a criação do

Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), com sede em Nairóbi, Quênia, e a recomendação de que se criasse o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA).

De acordo com SAUVÉ (2005), mais do que uma educação *“a respeito do, para o, no, pelo ou em prol do meio ambiente”* a Educação Ambiental, mostra as múltiplas facetas da relação homem-ambiente. A partir das discussões e sistematizações observou-se que a noção da educação ambiental para o desenvolvimento sustentável esconde diferentes concepções: 1) do ambiente; 2) da educação; e 3) do desenvolvimento sustentável, sendo que estas determinam os diferentes discursos e práticas e que, na maior parte das vezes, há uma reorientação das ações educativas, com o objetivo de reduzir conflitos ou, conforme a UNESCO (1995-B), reduzir ao mínimo qualquer *“discussão infrutífera”*.

“Pequena ONU”

A Oficina “Pequena ONU” possibilitou discutir questões de ética e sustentabilidade num mundo desigual, assim como desenvolver e adaptar metodologias para realidades locais (ao nível de bacias hidrográficas, municípios, bairros).

Essa metodologia foi desenvolvida a partir do trabalho conjunto realizado por um gru-

po de professores da UNIJUI e Universidade Politécnica de Valencia–UPV (LAGUARDA-MIRÒ et al, 2011), e foi preparada para uma possibilidade concreta de integrar as questões da ética, da sustentabilidade e da educação ambiental em diferentes cursos/áreas nas Universidades. Neste ciclo de capacitação, foi desenvolvida com professores de diferentes espaços escolares, públicos e privados, da educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental e do ensino médio.

O propósito dessa oficina foi discutir e analisar como decisões do passado afetam o dia-a-dia e como decisões do presente podem ser cada vez mais determinantes para a vida, para todos os seres que compartilham este planeta Terra. Como superar o individualismo? Como internalizar, na intensidade desejada, a óbvia necessidade de trabalharmos em parceria, em favor da democracia participativa?

Assim, propomos esta atividade, como forma de sensibilizar e chamar a atenção sobre as diferenças entre as nações do mundo e discutir formas de amenizá-las. Esta prática foi uma versão adaptada do seminário “A Pequena ONU” trabalhado na disciplina de “Desenvolvimento Sustentável e Ética Ambiental”, dos cursos da área da Engenharia da UPV. A adaptação consta de três partes:

- Primeiro, foi distribuído aos grupos, um cartão com os nomes e informa-

ções básicas sobre diferentes países que compõem a ONU. Essas informações deveriam ser complementadas com pesquisas referentes a questões socioambientais dos mesmos, como número de habitantes, índices de desenvolvimento, PIB, renda per capita, riquezas e fragilidades, dentre outros, a serem pesquisados. Cada grupo teve um tempo para realizar essa pesquisa.

- Na segunda parte foi distribuído “dinheiro” (fictício) em valores correspondentes ao PIB de cada país e logo após, realizada uma simulação de uma sessão da ONU, na qual foram estabelecidos acordos entre os diferentes grupos/países, dependendo de suas propriedades e interesses comuns. Para tanto discutiu-se o que os une e o que os separa, criando dessa forma, os “blocos”. Os critérios foram discutidos e acordados entre os participantes, os quais deveriam argumentar de forma pacífica e educada.

A partir desse momento, cada representante defendeu o ponto de vista de seu respectivo país, mas sempre pedindo permissão para falar e respeitando a opinião do outro, mesmo que esta tenha sido oposta a sua. Os argumentos foram registrados e posteriormente analisados por todo o grupo, para verificar como foram os argumentos de cada representante.

Carta da Terra

Na Oficina da “Carta da Terra” foram trabalhados os princípios desta carta, que é o resultado de um processo de diálogo internacional e intercultural a nível mundial, desde a ECO-92. A redação da Carta da Terra envolveu o processo de consulta aberto e participativo no qual milhares de pessoas e centenas de organizações de todas as regiões do mundo, diferentes culturas e diversos setores da sociedade participaram. É um tratado dos povos que estabelece uma série de esperanças e aspirações importantes da e para a sociedade global.

No grupo de professores foi proposto que os professores realizassem pesquisas referentes às diversas formas de trabalhar com as diferentes etapas da educação básica, levando-se em consideração os quatro princípios da Carta da Terra: respeitar e cuidar da comunidade de vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; democracia, não violência e paz.

Segundo GADOTTI (2010), “*o desafio é reencantar as crianças, adolescentes, jovens e adultos para que percebam seu pertencimento ao Planeta*”. É necessário um profundo envolvimento do professor ao elaborar a sua proposta de trabalho, pois não se aprende a amar a Terra apenas lendo livros ou ouvindo palavras que destacam sua beleza e importância, a experiência

própria é fundamental (GADOTTI, 2010). A partir do cotidiano, há necessidade de ressignificar experiências e práticas, vivenciar novos valores nas relações interpessoais. Vários temas podem ser aborgados a partir da visão que consta nos princípios da Carta da Terra, desde as mudanças climáticas, recursos hídricos, gestão de resíduos, dentre outros. Também as realidades locais, da escola, comunidade poderão ser trabalhadas a partir deste documento.

A partir da leitura e debates a cerca da Carta da Terra, também foi apresentado o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global e a Rede PLANTEA–Rede Planetária do Tratado de Educação Ambiental, e todos os materiais disponíveis para auxiliar a construção de algumas metodologias para o trabalho nas escolas e principalmente a possibilidade de construir uma rede local de Educação Ambiental, na qual cada escola pode se tornar apoio e cooperação para as outras.

Agenda 21 Escolar, a Metodologia do Com-Vida

Essa oficina trabalhou a partir da divulgação dos materiais disponíveis, especialmente dos Ministérios do Meio Ambiente e da Educação, assim como outros.

O principal ponto a ser considerado foi a troca de experiências entre os professores, haja vista que alguns já haviam passado pela construção do COM-VIDA em suas comunidades escolares, inclusive participado de conferências municipal, regional, estadual e nacional. Destes, alguns relatam a permanência do programa, desde 2009, enquanto outros viram os seus coletivos “morrendo aos poucos”, pois com as mudanças nas administrações (diretoria das escolas, secretário de educação, etc) causam mudanças no corpo docente e coordenação das escolas, dificultando um trabalho de continuidade e incentivo ao programa.

Desta forma as dificuldades relatadas levaram a algumas reivindicações no sentido de sensibilizar as autoridades, para que o COM-VIDA se torne um compromisso de todos os governos, na medida que essa percepção de que a educação ambiental trabalha com mudanças de valores e de atitudes para a construção de sociedades sustentáveis, justas, equitativas e felizes. (BRASIL, 2007)

Reflexões e considerações finais

Como resultados importantes a serem salientados, destaca-se a sensibilização dos professores, que sentiram-se desafiados

a elaborarem projetos, desde a educação infantil até o nível médio. Alguns destes projetos foram premiados na Semana do Meio Ambiente Municipal, e outros, foram submetidos (e aprovados) a um financiamento do Fundo Municipal do Meio Ambiente, o que demonstra que o desafio foi aceito e de forma qualificada.

Com certeza, a estratégia de sensibilização usada para iniciar o ciclo de formação, através das Vivências com a Natureza, foi um processo extremamente importante, no sentido de criar um “espírito de bando”, ou seja, o grupo se aproxima, desenvolve laços e especialmente, a confiança, o compartilhamento, a cooperação, além de proporcionar momentos alegres e gratificantes.

Considerando que este primeiro encontro foi desenvolvido em espaço ao ar livre por um período de oito horas, com atividades práticas em diferentes espaços junto a natureza, foi percebido ao final deste dia muita motivação, não houve cansaço mas uma renovação de energias, bem como o estabelecimento de um clima de harmonia no grupo de professores, dos diferentes níveis da educação básica. Ficou bastante evidente o desejo de continuidade na formação ali aberta. E, ao longo dos demais encontros este primeiro momento sempre era lembrado.

A cada encontro, um renovar de parcerias e o estabelecimento de novas, uma vez

que professores de outras áreas do conhecimento, iniciantes nas atividades de Educação Ambiental foram se integrando à proposta e desenvolvendo-as nos espaços educativos em que estavam inseridos. A importância desse envolvimento é de muito grande, haja vista que no contexto educacional brasileiro o Meio Ambiente é referendado como um Tema Transversal, o que significa que todas as disciplinas e todos os níveis educacionais devam desenvolver essa problemática/temática, mas pode-se incorrer no risco de ninguém desenvolvê-la. O que se percebe nas escolas, que muitas das atividades envolvendo meio ambiente fica relegada às disciplinas de Ciências e Biologia, às vezes Geografia. Nesse sentido, capacitar professores para além da área de Ciências da Natureza, significa estabelecer parcerias concretas com indivíduos conscientes e ativos nas responsabilidades para com sua casa maior: Planeta Terra.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também apontam a importância da inclusão da área do Meio Ambiente como um dos temas transversais para contribuir na superação dos problemas ambientais, pela conscientização e sensibilização das novas gerações, quanto às consequências danosas ao ambiente, que podem ser evitadas pela mudança das ações humanas (BRASIL, 1997).

Nessa perspectiva, é importante levar em conta e compreender que a vida cresceu e se desenvolveu na Terra como uma trama,

uma grande rede de seres interligados, interdependentes. Essa rede entrelaça de modo intenso e envolve conjuntos de seres vivos e elementos físicos. Para cada ser vivo que habita o planeta existe um espaço ao seu redor com todos os outros elementos e seres vivos que com ele interagem, por meio de relações de troca de energia: esse conjunto de elementos, seres e relações constitui o seu meio ambiente. Explicado dessa forma, pode parecer que, ao se tratar de meio ambiente, se está falando somente de aspectos físicos e biológicos. Ao contrário, o ser humano faz parte do meio ambiente e as relações que são estabelecidas — relações sociais, econômicas e culturais — também fazem parte desse meio e, portanto, são objetos da área ambiental. Ao longo da história, o homem transformou-se pela modificação do meio ambiente, criou cultura, estabeleceu relações econômicas, modos de comunicação com a natureza e com os outros. Mas é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental (BRASIL, 1997).

Portanto, a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento sócio-cognitivo dos estudantes, por meio de sistemáticas ações ambientais, objetivando sensibilizar a comunidade escolar diante desta problemática.

Neste sentido torna-se necessário a ampliação de ações que conduzam a uma Educação Ambiental mais efetiva nos espaços escolares, visto ser esta como um *“espaço privilegiado para a discussão de questões para uma melhor compreensão e apropriação de significados a respeito das relações entre seres humanos e ambiente”* (SOUZA e GALIAZZI, 2007, p. 299).

Além de reflexões possibilitadas pelos PCN e Temas Transversais, outras desenvolvidas durante a elaboração de leis, diretrizes e orientações, levaram à conclusão de que um avanço necessário estava se tornando presente na área de Ciências da Natureza. Nessa perspectiva, ela passou a ser compreendida como um processo complexo e interligado, que contempla vários saberes que não se restringem a uma única disciplina. Mesmo que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) não coloque em qualquer momento a referência aos eixos da contextualização e interdisciplinaridade, no decorrer dos seus títulos e artigos explicita a preocupação com um ensino que garanta “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996). Acredita-se que o desenvolvimento de uma educação ambiental como a proposta pelo ciclo de formação seja capaz de contemplar exigências de formação objetivadas pela LDBEN, em especial, quanto ao exercício de cidadania consciente e responsável com o meio.

Abordar temáticas como a do meio ambiente a partir da contextualização e da interdisciplinaridade, tornarão possível a reorganização curricular, que contemple a formação dos estudantes com significações em contextos da globalização presente no meio social e escolar, de modo que neste contexto escolar aconteça a formação de sujeitos ativos, críticos e participativos, capazes de construir respostas adequadas a problemas atuais e novas situações reais (BRASIL, 1996).

Essa tendência de estabelecer vínculos entre conteúdos da área de Ciências e aspectos da realidade vivencial dos estudantes necessita ser melhor desenvolvida, investigada e compreendida.

Mas acredita-se que essa tendência tenha sido possível no ciclo de formação desenvolvido e ser uma dos motivos que fizeram com que professores de áreas diversas permanecessem participativos em todo o ciclo formativo, inclusive trazendo experiências desenvolvidas em suas escolas, a exemplo de: construção de composteiras, construção de hortas e jardins, construção de pracinhas a partir de materiais recicláveis, construção de cisternas para coletar água da chuva, atividades de acompanhamento de descarte inadequado do lixo, com atividades de sensibilização na comunidade escolar.

Outro motivo da permanência e envolvimento nas atividades propostas, deve-se a

temática do meio ambiente permitir, mais facilmente, desenvolver a contextualização, as ações disciplinares, interdisciplinares, inter-complementares e transdisciplinares, não esquecendo de que o interdisciplinar supõe o disciplinar, como proposto pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2006).

Assim, está-se ciente da necessidade de maior consideração, em contextos de ensino e de formação para o ensino, da dinamicidade e complexidade dos conhecimentos e das relações envolvidas na construção de uma organização curricular voltada a uma educação ambiental consciente e responsável. Refletir sobre os conhecimentos e o que pretendemos com eles é algo bastante complexo nos espaços de formação para o ensino de Ciências Naturais e outras áreas, carentes de novas ações, tais como, de mudanças curriculares que, repercutam na conscientização dos envolvidos, num processo concreto de educação ambiental.

Nesse sentido, ao pensar num currículo para formação de professores do ensino de diversas áreas e níveis, que contemplem uma educação ambiental responsável logo temos que pensar na necessidade de mapear os conteúdos dessas disciplinas, de tal maneira a formar um currículo com disciplinas que tratem de temáticas relevantes, a exemplo da educação ambiental. E, que estas temáticas propiciem a integração entre os conteúdos e áreas

específicas que estão dentro de cada disciplina.

É importante pensarmos num currículo interdisciplinar de formação de professores, levando o educando a construir um conhecimento global, não permitindo uma organização curricular fragmentada e compartimentalizada. *“Assim, acreditamos que devemos dar uma melhor atenção nos modelos de currículo para a formação desses professores, e também, analisar qual seria um modelo de currículo que contemple a formação de um professor que seja apto a trabalhar interdisciplinarmente com os conteúdos das diversas ciências no ensino fundamental”* (FRACALANZA e MEGID NETO, 2006, p. 211).

É nesse contexto desafiador de implementar uma educação ambiental não restrita a área de Ciências Naturais, que situa-se, justifica-se, valoriza-se e defende-se a proposta de ciclos de formação continuada para professores de todas as áreas e níveis da educação básica, voltadas à sensibilização ambiental, identificação de problemáticas ambientais, busca de soluções ou possibilidades de amenizá-las, de modo a transformar o ambiente em que está inserido de maneira consciente, responsável e sustentável.

Referências bibliográficas

- BAPTISTA, Francine Diniz. 2011. A inserção da Educomunicação no plano de comunicação da Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P): perspectivas e desafios. Monografia. Universidade de Brasília – UNB. Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS. Especialização em Gestão Pública Ambiental
- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética: Brasília, MEC/SEF, 1997a.
- BRASIL. Formando Com-vida, Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola : construindo Agenda 21 na escola / Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - 3. ed., rev. e ampl. – Brasília : MEC, Coordenação-Geral de EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2012.
- BRASIL. Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação. Organização: Francisco de Assis Morais da Costa. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. Brasília: MMA, 2008.
- BRASIL. Passo a Passo da Agenda 21 Local / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável. - Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005.54 p.
- BRASIL. Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Ministério do Meio Ambiente ; elaboração de texto: Tereza Moreira. -- Brasília : A Secretaria, 2012.
- BRASIL. Cadernos de Debates Agenda 21 e Sustentabilidade . Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável. s/d
- BRASIL. Teia da Vida. <http://webeduc.mec.gov.br/portaldoprofessor/biologia/teiadavida/conteudo/> (acesso em fev. 2014)
- CORNELL, Joseph. Vivências com a Natureza/ Tradução: Ariane Brianezi, Cláudia Perusso Nardi, Julia Dojas, Rita Mendonça. 3 ed. São Paulo: Aquariana, 2008.
- CORNELL, Joseph. Vivências com Natureza, 2 : Novas atividades para Pais e Educadores/ tradução de Fabiana Mirella e Rita Mendonça. São Paulo: Aquariana, 2008.
- CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL <http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/Tbilisicompleto.pdf>
- FRACALANZA, H.; MEGID NETO, J. O livro didático de Ciências no Brasil. Campinas: Kome-di, 2006. 224p.
- GADOTTI, Moacir. A Carta da Terra na Educação– Série Cidadania Planetária, vol. 3. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.
- JACOBI, Pedro. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de pesquisa, n.118, p.189-205, março/2003.
- LOPES, Grácia; MELO, Teresa; BARBOSA, Neusa. Passo a passo para a conferência de meio ambiente na escola + educomunicação : escolas sustentáveis / – Brasília : Ministério da Educação, Secadi : Ministério do Meio Ambiente, Saic, 2012. 56p.
- LAGUARDA-MIRO, N. L. ; FERREIRA, F. W. ; GARCIA-BREIJO, E. ; GIL-SANCHEZ, L. ; IBANEZ-CIVERA, J. . PROFITTING STUDENTS JOB EXPERIENCES AT CLASS: ACQUIRING PERSPECTIVES FOR PROFESSIONAL FUTURE. In: INTED2011 - International Technology, Education and Development Conference, that will be held in Valencia (Spain), 2011, Valencia. Anais INTED2011 - International Technology, Education and Development Conference, that will be held in Valencia (Spain). Valencia, 2011.
- MENDONÇA, Rita. Educação Ambiental Vivencial. Coleciona : fichário d@ Educador Ambiental. MMA . Vol.2/Ano 1. 2008. http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/20_11092008111132.pdf (acesso março 2014)
- SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005 . <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a12v31n2.pdf>
- SAUVÉ, Lucie Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: uma análise complexa. http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/educacao_ambiental_e_desenvolvim.html
- SOARES, Ismar de Oliveira. Mas, afinal, o que é educomunicação? <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>

SOLANO, Lizzy; MEJÍA, Daniel Abreu; TABORA, Julia María García. Volante – carta de la tierra. Dominican Republic, 2014. <http://www.earthcharterinaction.org/invent/images/uploads/Volantes%20Carta%20de%20la%20Tierra.pdf>

SORRENTINO, Marcos. Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta. In: CASTRO. R. S (org); LAYRARGUES. P. (org); LOUREIRO. C.F.B. (org); EDUCAÇÃO AMBIENTAL: repensando o espaço da cidadania. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. P. 15-22. WWF-Brasil. A rosa dos ventos : educador / WWF-Brasil. – Brasília : WWF-Brasil, 2012. 42 p.– (Coleção biodiversidade nas costas).